

## A PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL DO SÉCULO XIX: REFLEXÕES INICIAIS

Denilson Fernandes de Aguiar<sup>1</sup>  
Antônio Carlos de Sousa<sup>2</sup>  
Silvina Pimentel Silva<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo teórico em síntese, da história da formação de professores no Brasil, em especial, sobre sua profissionalização ao longo do século XIX. Nosso objetivo é refletir acerca desse processo de construção da profissão docente, a partir das leituras de obras como “*História da Profissão Docente no Brasil: representações em disputa*” (VICENTINI; LUGLI, 2009) e “*Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente*” (NÓVOA, 1991), entre outros.

Essas considerações são extremamente importantes na atualidade frente aos ataques às universidades públicas, atuais referências em formação de professores e, sobretudo, mediante as tentativas de desmonte dos cursos de licenciaturas em pleno século XXI através de Notas, Portarias e/ou Pareceres elaboradas no âmbito do Conselho Nacional de Educação (MEC).

Apontaremos, na próxima sessão, os pormenores dos trajetos adotados nos aspectos metodológicos da pesquisa quanto ao tipo e natureza do estudo.

### METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O estudo em foco caracteriza-se como uma investigação de abordagem de natureza qualitativa do tipo teórica. Prodanov e Freitas (2013), afirmam que essa modalidade de estudos são constituídos por intermédio de matérias já publicados, tais como: revistas, artigos científicos, livros entre outras. Nessa linha, para a sua construção realizamos a leitura de algumas obras sobre a temática em questão, identificando e analisando trechos que ratificam nossa percepção sobre a indissociabilidade entre a história da Formação de professores e a

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE, [denilson\\_aguiar123@hotmail.com](mailto:denilson_aguiar123@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE, [adesousa491@gmail.com](mailto:adesousa491@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Doutora em Educação, Professora da UECE, [silvina.silva@uece.br](mailto:silvina.silva@uece.br)



Profissionalização docente no Brasil no decorrer do século XIX.

### **A participação da igreja católica na educação e na constituição da profissão docente.**

É inegável que a constituição da identidade brasileira se origina da miscigenação de povos distintos: africanos, holandeses, espanhóis etc. Segundo Gondra (2008), antes dessa construção identitária, poderíamos dizer que existia o Brasil, mas não existia uma “brasilidade”. Era visível a presença de vários povos, no entanto, não se sabia identificar onde se encontrava e com quais características se denominava o ser brasileiro. Partindo da inexistência dessa “brasilidade”, e de sua urgência, começou-se os investimentos para construção cultural de uma identidade nacional, iniciando, com isso, a elaboração e implantação de projetos educacionais que pudesse subsidiar a construção de uma nação.

Para tanto, porém, precisava-se de uma demanda de profissionais, como os da área jurídica, e foi a partir dessa demanda inicial que foram criados os primeiros cursos de Direito no Brasil, sendo os egressos formados para exercer processos jurídicos, como também de dominação dos povos. Mais adiante, teve a criação dos cursos de Medicina. É válido destacar que tanto o curso de Direito, como o de Medicina, destinavam-se unicamente a elite de bens financeiro da época, assim como também para elite intelectual, pois a forma de ingresso e as exigências não atendiam com os saberes adquiridos das classes sociais menos favorecidas.

A história mostra que a distinção entre quem deveria aprender, o que deveria aprender e para que aprender era visível entre os menos e mais favorecidos da época. Existia um certo grau de estudo para cada um dos sujeitos, para que assim facilitasse a dominação das classes. Existia o público de trabalhadores que deveriam aprender apenas o básico e instruções para o desenvolvimento da mão de obra, existia as matérias específicas para as mulheres que estavam interligadas como disciplinas que formava a mulher para cuidar do lar e de seu marido e existia os cursos de níveis superiores que eram frequentados apenas por homens da alta sociedade. Assim como existia uma distinção de quem poderia ensinar/ ser professor.

Não se pode negar que ao lembrar de constituição da profissão docente é quase automático associar aos jesuítas como os primeiros e grandes idealizadores do que seria ser professor, hoje, no Brasil. Pois os traços e características desses sujeitos reverberam até os dias atuais no que conhecemos como “Papel do professor”, ensinar, trazer verdades e orientar para os caminhos do bem. São alguns dos adjetivos que são nos dados até os dias atuais.

O século XIX foi marcado por iniciativas da igreja católica em ações educacionais, sendo essas formais ou informais. Ficando a igreja a frente de vários grupos sociais, escolas, seminários, internatos em todo o Brasil. A influência do catolicismo era tanta que essa era



reconhecida como a única religião oficial de culto em espaço aberto no território brasileiro.

Mas no século XIX, o ser professor se constituía em diversas críticas, que cabe ressaltar que na história da formação de professores foi marcada pela desvalorização salarial e desvalorização no que se referia a investimentos nas formações desses sujeitos. Essa desvalorização do trabalho do professor acarretava em uma remuneração pequena o que resultava na pouca procura de pessoas para assumir a função.

É válido ressaltar que a função do professor era exercida por pessoas sem formação para lecionar, pois eram formadas para atuar em outras áreas. Existia também uma distinção entre ser professor que ensinava as “primeiras palavras” e os que ensinavam em níveis mais elevados. O professor que ensinava a ler e escrever era os profissionais que ganhavam menos, e já demarcada como uma área onde predominava apenas mulheres.

Um grande marco no século referenciado, foi o que conhecemos pela implementação da escola normal, mas é válido citar que essa escola normal também foi alvo de grandes discussões, dentre essas, podemos citar a não adaptação de jovens da época nessa modalidade de ensino.

Teve também a implementação do método Lancaster, mas segundo Gondra (2008), o método Lancasteriano não teve sucesso pois faltava professores capacitados para trabalhar com o método, assim como também não conseguiam ver vantagem em trabalhar com o método e acabavam trabalhando com métodos individuais. Apenas nos anos 1760 que aconteceriam os primeiros concursos para selecionar como professores. E apenas em 1820 é constatado através de documentos, pedidos de licenças para criação de escolas de educação que poderiam se configurar como um espaço de formação de professores.

### **A profissionalização docente no Brasil: a criação de instituições formadoras, as condições de trabalho dos professores e os movimentos de organização docente.**

Inerente à História da profissão docente, Vicentini e Lugli (2009), dialogam com os estudos de Nóvoa (1986; 1991), ao constatarem que a história da profissionalização docente se encontra relacionada em demonstrar o professor como o profissional que carrega saberes específicos de sua prática, assim como, desde sempre, vivencia o dilema de demonstrar para a sociedade a importância da educação enquanto instrumento de ascensão social, buscando um maior reconhecimento profissional através desta atividade. Para Nóvoa (1986; 1991), o professor não somente responde a necessidade social da educação como também cria.

Os docentes, ao longo da historicidade de sua profissionalização, passaram por várias experiências/momentos que resultaram no que entendemos hoje, como saberes necessários para a atuação dos professores, e que servem como referência para o que deve ser seguido e o que

precisaria ser melhorado tanto para a construção do ser professor como para as experiências de ensino a serem aplicadas nas escolas.

O modelo de escola e perfil profissional hoje, resulta em experiências passadas de práticas/ modelos de professores que deram certo e de outras que não foram tão positivas, mas de toda experiência fica algo importante a ser aperfeiçoado e que pode ser usado na atualidade.

Conforme Nóvoa (1986) a formação do professorado primário passou por etapas, sendo a primeira: o momento onde o magistério torna-se a principal ocupação para aqueles que tinham licenças para ensinar, a intitulação de um suporte legal para atuação, a criação de instituições destinadas a formação de futuros professores, sendo essa formação realizada mediante a apresentação de conhecimentos e técnicas já usadas por professores veteranos e por último com a criação de associações profissionais que além de produzir regras, também defendiam os interesses da categoria.

Destes estudos (NÓVOA, 1986; VICENTINI; LUGLI, 2009) trazem diversos apontamentos sobre a construção da profissionalização docente, relacionados com a preparação dos professores para o desenvolvimento de suas práticas de ensino, sendo notório que a formação ainda era algo distante de ser o básico de conhecimentos necessários em comparação para o saber dos professores da atualidade. Nessa época, os professores assumiam cargos por indicação e não por competências.

No princípio do século XIX surgem os cursos para formar profissionais para o magistério, um grande marco na criação de instituições formadoras para profissionais da área da educação. Nesse período, também era comum a distribuição de manuais pedagógicos que tinham como objetivos instruir os professores a assumir práticas em sua atuação docente. Já no século XX teve um maior destaque na criação de instituições formadoras, e com isso teve uma maior independência nas características da educação brasileira.

Como dito até aqui, durante muito tempo as condições de trabalho dos professores, não tinham um critério de seleção para ocupar uma vaga de professor, as ocupações desses profissionais davam-se por meio de indicações/recomendações e apadrinhamentos de pessoas influentes para assumir os cargos. Apenas em 1760 os candidatos passaram a serem submetidos a provas de gramática e matemática para que assim pudessem ocupar uma sala em uma cidade ou vila específica.

Mas em outras ocasiões, como em concursos, era solicitado apenas uma lista de requisitos para se submeter a seleção de concursos, sendo esses quesitos apenas para provar que era uma pessoa de bem perante a sociedade, no caso de mulheres casadas era exigido certidão de casamento, e para mulheres solteiras era exigido uma comprovação que residia na casa dos



pais, e para solteiras que moravam sozinhas era necessário terem no mínimo 25 anos para submeterem-se a vaga.

E esses professores chegavam nas escolas e não tinham o conhecimento necessário para atuar como professor, mesmo tendo passado em concurso, e a grande maioria não conseguia êxito por si só nessas funções sem uma ajuda e uma formação necessária para desenvolver o básico que era pedido para desempenhar a função de professor. E isso gerava uma grande insatisfação com as aulas dos professores selecionados, pois entendia que esses professores só tinham conhecimentos superficiais para os assuntos a serem ensinados, faltava o conhecimento pedagógico.

Apenas adiante as seleções de professores chegaram a ter um rigor maior, sendo as seleções e concursos divididos entre: prova oral, provas didáticas e provas práticas para professores com formações específicas como: química, física, astronomia e entre outras. Com isso percebe-se que a profissionalização docente também é demarcada por uma preocupação que objetiva medir as competências formativas dos candidatos, sendo de extrema relevância para o reconhecimento e elitização intelectual da profissão docente.

Mesmo com ganhos para formação intelectual do professor, em comparação com os primeiros professores da história do Brasil (jesuítas) que não tinham nenhuma formação para o ensinar, apenas adaptavam seus conhecimentos religiosos para catequizar os indígenas, diferentemente dos professores do século XX que já tinham algumas formações que lhes preparavam para o ensino. Os professores passavam por situações de precarização, podendo demarcar o período de 1940 até 1950 em São Paulo, devido um grande número de matrículas os professores viveram um momento de precarização em suas condições de trabalho, sendo esses momentos de precarização uma característica marcante da profissão docente.

Os movimentos de organização acontecidos no período foram demarcados entre: pluralidades e disputas, movimento de organização dos professores, estruturação das entidades representativas, movimento de organização do magistério secundário e organização do magistério particular e do sindicato dos professores do Rio de Janeiro. Esses acontecimentos tiveram como intuito de buscar melhores condições de trabalho, melhor remuneração, assim como conquistar o respeito da profissão docente e disseminar para a sociedade a importância dos profissionais da educação. Buscavam também, uma organização nos sistemas de ensino, em que pudesse ser estabelecido condições para o exercício da profissão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Considera-se que a profissionalização docente no Brasil, passou por momentos de fragilidades onde não era nem reconhecida como profissão, pois apenas ao longo dos anos é catalogado em documentos de seleções e concursos que para exercer a função necessita de um curso de graduação em licenciaturas com saberes pedagógicos e práticos para ser professor.

É certo dizer que as condições de precarização do trabalho docente e a má formação, são assuntos discutidos até os dias atuais e, conforme o que foi entendido, o professor é carregado de estereótipos e mesmo com uma formação fragilizada, recebe um papel imposto pelo estado/sociedade de que esse profissional é o que vai salvar o mundo das mazelas da sociedade, tirando assim a responsabilidade ao transferir para o professor o alcance de mudança social sem políticas públicas e recursos vindo do governo (GONDRA.2008).

Com isso, destaca-se a relevância de estudos/ pesquisas que resgatem a história da profissionalização docente no Brasil, principalmente nos dias atuais em que as políticas neoliberais atacam a profissão e demanda de influências para uma profissão que necessita apenas de conhecimentos tecnicistas, como acontecia no século passado, e desconsidera do saber pedagógico, demarcando um período de retrocesso e grandes perdas. Conclui-se dizer que a reflexão sobre o papel do professor e os estudos da história da formação se faz cada vez mais necessário em pesquisas e diálogos no enfrentamento dos desafios da educação.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Profissão docente. Profissionalização docente.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. Educação, Poder e Sociedade no Império Brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca básica da história da educação brasileira).

NÓVOA, António. Do Mestre-Escola ao Professor do Ensino Primário: subsídios para a história docente em Portugal (séculos XVI–XX). **Lisboa: Instituto Superior de Educação Física de Lisboa**, 1986.

NÓVOA, António. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria & educação**, v. 4, p. 109-139, 1991.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Genta. História da Profissão Docente no Brasil: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira).